

DA AUTORA DE AMOR CRUEL, ISTO ACABA AQUI E VERITY

COLLEEN
HOOVER

SE

FOSSE

PERFEITO

TOP
SEL
LER

Capítulo Um

Dantes

O porteiro não me sorriu.

Esse pensamento atormenta-me ao longo de toda a deslocação de elevador até ao piso do Ethan. O Vincent é o meu porteiro preferido desde que o Ethan se mudou para este prédio. Sorri e conversa sempre comigo. Mas hoje limitou-se a abrir a porta com uma expressão estoica. Nem sequer um «Olá, Quinn. Como correu a viagem?».

Suponho que todos nós tenhamos dias maus.

Olho para o telemóvel e vejo que já passa das sete da tarde. O Ethan deve chegar a casa às oito, por isso terei muito tempo para o surpreender com um jantar. *E com a minha presença.* Antecipei o meu regresso um dia e decidi não lhe dizer nada. Temos andado tão ocupados com os planos para o nosso casamento, que já passaram semanas desde que fizemos uma verdadeira refeição caseira juntos. Ou até mesmo sexo.

Quando chego ao piso do Ethan, estaco assim que saio do elevador. Vejo um tipo a andar de um lado para o outro no pátio, mesmo à porta do apartamento dele. Dá três passos, para e olha para a porta. Dá mais três passos na direção oposta e para novamente. Observo-o, na esperança de que se vá embora, mas

não vai. Continua a andar para trás e para a frente, sem tirar os olhos da porta do Ethan. Não creio que se trate de um dos amigos dele. Reconhecê-lo-ia, se assim fosse.

Começo a dirigir-me ao apartamento do Ethan e aclaro a garganta. O homem encara-me e eu faço um movimento na direção da porta do Ethan para lhe indicar que tenho de passar por ele. Ele afasta-se para o lado e dá-me espaço, mas tenho o cuidado de não ter qualquer outro contacto visual com ele. Reviro a mala em busca da chave. Quando a encontro, dou com ele ao meu lado e com uma mão na porta.

— Vai entrar?

Levanto os olhos para ele e depois para a porta do Ethan. *Porque é que ele está a perguntar isto?* O meu coração começa a acelerar com o pensamento de me encontrar sozinha no patamar com um desconhecido que se interroga se estarei prestes a abrir a porta de um apartamento vazio. *Será que ele sabe que o Ethan não está em casa? Será que sabe que estou sozinha?*

Pigarreio e tento disfarçar o medo, apesar de o homem parecer inofensivo. Mas suponho que o mal nem sempre tenha uma aparência reveladora, por isso é difícil avaliar.

— O meu noivo vive aqui. Está lá dentro — minto.

O homem acena vigorosamente com a cabeça.

— Pois. Ah, está lá dentro, está! — Cerra o punho e bate na parede ao lado da porta. — Dentro da minha namorada, porra!

Em tempos, tive aulas de autodefesa. O instrutor ensinou-nos a esconder uma chave entre os dedos, com a ponta ligeiramente saída, para, no caso de sermos atacadas, podermos cravá-la no olho do atacante. É o que faço, preparada para a investida iminente do psicopata à minha frente.

Ele solta um arquejo e eu não consigo deixar de reparar que o ar entre nós cheira a canela. Que pensamento estranho de se ter no instante antes de ser atacada. Que alinhamento bizarro seria na esquadra de polícia. *Oh, não consigo propriamente descrever*

o que vestia o meu atacante, mas o seu hálito cheirava bem. Fazia lembrar o refrigerante Big Red.

— Enganou-se no apartamento — digo-lhe, na esperança de que ele se vá embora sem discussão.

Ele abana a cabeça. Sacudidelas minúsculas e rápidas que indicam que eu não posso estar mais enganada e ele mais certo.

— Estou no apartamento certo. Tenho a certeza. O seu noivo tem um *Volvo* azul?

Muito bem, então ele anda a seguir o Ethan? Tenho a boca seca. *Uma água vinha mesmo a calhar.*

— Tem cerca de um metro e oitenta? Cabelo preto? Usa um casaco da *North Face* demasiado grande para ele?

Pressiono o estômago com uma mão. *Uma vodca vinha mesmo a calhar.*

— O seu noivo trabalha para o Dr. Van Kemp?

Agora *sou eu* quem abana a cabeça. Não só o Ethan trabalha para o Dr. Van Kemp... como é filho do Dr. Van Kemp. *Como é que este tipo sabe tanto sobre o Ethan?*

— A minha namorada trabalha com ele — diz, olhando de relance para a porta do apartamento com repulsa. — Até faz *mais* do que trabalhar, ao que parece!

— O Ethan não...

Sou interrompida por aquilo. *Os sons do sexo.*

Ouçó o nome do Ethan a ser chamado numa voz baixinha. Pelo menos deste lado da porta parece baixinha. O quarto do Ethan fica na outra ponta do apartamento, o que indica que, seja ela quem for, não está a ser discreta. Está a gritar o nome dele.

Enquanto ele a come.

Afasto-me imediatamente da porta. A realidade dos acontecimentos no interior do apartamento do Ethan deixa-me zozna. Abala todo o meu mundo. O meu passado, o meu presente, o meu futuro... está tudo a ficar fora de controlo. O homem segura-me o braço e ajuda-me a reencontrar o equilíbrio.

— Sente-se bem? — Leva-me até ao apoio da parede. — Peço desculpa. Não devia ter dito as coisas daquele modo.

Abro a boca, mas só me saem incertezas.

— Tem... tem a certeza? Talvez aqueles sons não venham do apartamento do Ethan. Talvez seja o casal do apartamento ao lado.

— Que conveniente. O vizinho do Ethan também se chama Ethan? — Trata-se de uma pergunta sarcástica, mas vejo de imediato o arrependimento no seu olhar assim que o diz. É simpático da sua parte, encontrar em si mesmo o sentimento de compaixão por mim quando partilhamos, obviamente, o mesmo choque. — Eu segui-os — diz ele. — Estão ali dentro. Os dois. A minha namorada e o seu... namorado.

— Noivo — corrijo-o.

Começo a percorrer o patamar, mas encosto-me à parede, acabando por deslizar até ao chão. Se calhar não me devia deixar cair assim no chão, porque tenho uma saia vestida. O Ethan gosta de saias, portanto pensei em ser simpática e vestir uma para ele, mas agora só me apetece despi-la e amarrá-la à volta do pescoço dele e sufocá-lo com ela. Olho fixamente para os sapatos durante muito tempo e nem sequer reparo que o tipo se encontra sentado no chão ao meu lado, até ele dizer:

— Ele está à sua espera?

Abano a cabeça.

— Era uma surpresa. Tenho estado fora com a minha irmã.

Outro grito abafado consegue escapar pela porta. O homem encolhe-se e tapa os ouvidos. Eu também tapo os meus. Permanecemos sentados deste modo durante alguns momentos. Ambos a impedirmos que os ruídos penetrem nos nossos ouvidos até terminarem. Não demora muito. O Ethan não aguenta mais de alguns minutos.

Passados dois minutos, digo:

— Creio que já está. — O tipo retira as mãos dos ouvidos e repousa os braços nos joelhos. Enrolo os meus braços em torno

dos joelhos, pousando o queixo sobre eles. — Abrimos a porta com a minha chave? Confrontamo-los?

— Não posso — responde. — Tenho de me acalmar primeiro.

Ele parece estar bastante calmo. A maioria dos homens que conheço estaria a deitar a porta abaixo neste preciso momento.

Quanto a mim, nem sequer tenho a certeza se quero confrontar o Ethan. Parte de mim quer afastar-se e fingir que os últimos minutos não aconteceram. Poderia enviar-lhe uma mensagem a dizer que regressaria a casa mais cedo, ele responderia que ia ficar a trabalhar até tarde, e eu permaneceria, abençoadamente, na ignorância.

Ou poderia simplesmente regressar a casa, queimar todas as coisas que ele lá tem, vender o meu vestido de noiva e bloquear o número dele.

Não, a minha mãe nunca o permitiria.

Oh, Deus. A minha mãe.

Solto um suspiro e o homem endireita-se imediatamente.

— Vai vomitar?

Digo-lhe que não com a cabeça.

— Não. Não sei. — Levanto a cabeça dos braços e inclino-me para trás contra a parede. — Acabei de me aperceber de quão furiosa a minha mãe irá ficar.

Ele relaxa quando vê que não estou a gemer devido a uma questão física, mas sim devido ao receio da reação da minha mãe quando descobrir que o casamento foi cancelado. Porque foi decididamente cancelado. Perdi a conta às vezes em que ela referiu o valor do sinal para garantir a presença na lista de espera do local do copo-d'água.

«Tens consciência de quantas pessoas desejam poder casar-se em Douglas Whimberly Plaza? A Evelyn Bradbury casou-se ali, Quinn, a *Evelyn Bradbury!*»

A minha mãe adora comparar-me à Evelyn Bradbury. A sua família é uma das poucas em Greenwich que é mais proeminente do que a do meu padrasto. Por isso, a minha mãe utiliza a Evelyn

Bradbury como exemplo de perfeição de primeira categoria a cada oportunidade, claro está. Não quero saber da Evelyn Bradbury. Estou a pensar enviar uma mensagem à minha mãe, neste preciso momento, a dizer simplesmente: «O casamento foi cancelado e estou-me nas tintas para a Evelyn Bradbury!»

— Como é que se chama? — pergunta-me ele.

Fito-o e apercebo-me de que é a primeira vez que o vejo verdadeiramente. Este pode ser um dos piores momentos da sua vida, mas a verdade é que ele é extremamente atraente. Olhos castanho-escuros expressivos que condizem com o seu cabelo rebelde. Um maxilar forte que se contorce constantemente com uma raiva silenciosa desde que saí do elevador. Dois lábios cheios que continuam bastante apertados um contra o outro e se cerram numa linha fina sempre que ele olha para a porta. O que me leva a pensar se os seus traços seriam mais suaves caso a sua namorada não se encontrasse ali dentro com o Ethan neste preciso momento.

É uma pessoa triste. Não se trata de uma tristeza relacionada com a nossa situação atual. Algo mais profundo... como se estivesse enraizada. Conheci pessoas que sorriem com os olhos, mas os dele franzem-se.

— É mais bem-parecido do que o Ethan. — O meu comentário apanha-o desprevenido. A sua expressão é consumida por um tumulto porque pensa que estou a seduzi-lo. Essa seria a última coisa que faria numa situação como esta. — Isto não foi um elogio. Foi apenas a constatação de um facto.

Ele encolhe os ombros como se, de qualquer modo, não quisesse saber.

— É que, se é mais bem-parecido do que o Ethan, isso leva-me a crer que a sua namorada é mais bem-parecida do que eu. Não que me importe. Talvez me importe. *Não* me deveria importar, mas não consigo deixar de me perguntar se o Ethan se sentirá mais atraído por ela do que por mim. Se será por esse motivo que ele me trai.

Provavelmente. Lamento. Não costumo ser assim tão autodepreciativa, mas estou muito zangada e, não sei porquê, não consigo parar de falar.

Ele olha para mim fixamente por instantes, contemplando a minha estranha linha de raciocínio.

— A Sasha é feia. Não tem nada com que se preocupar.

— Sasha? — profiro o nome, de modo incrédulo. Repito-o colocando a ênfase em *sha*. — *Sasha*. Isso explica muito.

Ele ri-se e depois rio-me *eu*, o que não deixa de ser algo estranho... rir quando deveríamos estar a chorar. Porque não estou eu a chorar?

— Chamo-me Graham — diz, estendendo a mão.

— Quinn.

Até o seu sorriso é triste. Pergunto-me imediatamente se o seu sorriso será diferente em circunstâncias diferentes.

— Eu diria que é um prazer conhecê-la, Quinn, mas este é o pior momento da minha vida.

Essa é uma verdade muito triste.

— Igualmente — digo eu, desapontada. — Embora esteja aliviada por conhecê-lo agora em vez de o conhecer daqui a um mês, depois do casamento. Pelo menos não vou desperdiçar votos matrimoniais com ele.

— Iam casar-se no próximo mês? — O Graham afasta o olhar. — Que imbecil — diz calmamente.

— É mesmo. — Foi algo que sempre soube em relação ao Ethan. Ele é um imbecil. Presunçoso. Mas é bom para mim. *Ou assim pensava*. Inclino-me para a frente uma vez mais e passo as mãos pelo cabelo. — Céus, isto é uma merda!

Como sempre, a minha mãe mostra um sentido de oportunidade perfeito com a sua mensagem. Pego no telemóvel e leio:

A prova do bolo passou para as 14 horas de sábado.

Não almoces antes da prova. O Ethan também vai?

Todo o meu corpo solta um suspiro. Estava mais ansiosa pela prova do bolo do que por qualquer outro detalhe do planeamento do casamento. Será que consigo esperar até domingo antes de dizer a alguém que o casamento foi cancelado?

O elevador dá sinal e a minha atenção é afastada do telemóvel para as suas portas. Quando se abrem, sinto um nó a formar-se na garganta. Cerro um punho em torno do telemóvel quando vejo as embalagens de comida. O tipo das entregas começa a avançar na nossa direção e o meu coração bate a cada passo. *Que belo modo de esfregar sal nas feridas, Ethan.*

— Chinês? Só pode estar a brincar! — Levanto-me e olho para o Graham, que ainda se encontra sentado no chão a olhar para mim. Faço sinal para a comida chinesa. — Isso é uma coisa *minha!* Não dele! *Eu* é que gosto de comida chinesa depois do sexo! — Viro-me para o estafeta, que está paralisado a olhar fixamente para mim, perguntando-se se deverá avançar para a porta ou não. — Dê cá isso! — Tiro-lhe os sacos. Nem sequer me questiona. Volto a sentar-me no chão com os dois sacos de comida chinesa e vasculho-os. Fico zangada por o Ethan ter simplesmente replicado o que costumo pedir. — Até pediu a mesma coisa! Está a dar à Sasha a minha comida chinesa!

O Graham levanta-se e retira a carteira do bolso. Ele paga a comida e o desgraçado do estafeta empurra a porta de acesso às escadas só para deixar o patamar mais depressa do que se regressasse ao elevador.

— Cheira bem — afirma o Graham. Volta a sentar-se e pega na embalagem de frango com brócolos. Entrego-lhe um garfo e deixo-o comer, apesar de o frango ser o meu prato preferido. Este não é um momento para se ser egoísta. Abro a embalagem com bife da Mongólia e começo a comer, apesar de não ter fome nenhuma. Mas diabos me levem se vou deixar a Sasha ou o Ethan comerem isto!

— Filhos da mãe — murmuro.

— Filhos da mãe sem comida — afirma o Graham. — Pode ser que morram à fome.

Sorrio.

Em seguida, volto a comer e pergunto-me durante quanto tempo irei ficar aqui fora sentada, no corredor, com este tipo. Não quero estar aqui quando a porta se abrir, porque não quero ver como é a Sasha. Mas também não quero perder o momento em que ela abre a porta e se depara com o Graham aqui sentado, a comer a comida chinesa dela.

Por isso, espero. E como. Na companhia do Graham.

Após vários minutos, ele pousa a embalagem e leva a mão ao saco de comida, retirando dois biscoitos da sorte. Entrega-me um e abre o outro. Parte o biscoito e desenrola uma tira de papel, lendo em voz alta o que o destino lhe reserva.

— «Irá ter sucesso nos negócios hoje.» — Dobra o papel ao meio depois de o ler. — Já calculava. Hoje tirei o dia de folga.

— Sorte malvada! — murmuro.

O Graham amacha a sua sina numa bola minúscula e lança-a contra a porta do Ethan. Eu abro o meu biscoito e retiro o papel do interior.

— «Se apenas iluminar os seus defeitos, todos os seus perfeitos ficarão às escuras.»

— Gosto disso — afirma ele.

Amachuco o papel e lanço-o na direção da porta, como ele.

— Sou uma *snob* gramatical. O correto seria «as suas *perfeições*».

— Mas foi disso mesmo que eu gostei! A única palavra que empregam erradamente é *perfeitos*. O que não deixa de ser irónico. — Ele gatinha para a frente e pega no papel amachucado, depois volta a encostar-se à parede. Entrega-mo. — Acho que devia ficar com isto.

Afasto imediatamente a mão dele e o papel com a sina.

— Não quero uma recordação deste momento.

Ele olha fixamente para mim, pensativo.

— Pois. Eu também não.

Acho que começamos a ficar os dois cada vez mais nervosos perante a perspectiva de a porta se poder abrir a qualquer momento, por isso deixamo-nos ficar atentos às vozes no interior e não falamos. O Graham repuxa os fios das suas calças de ganga, no joelho direito, até haver uma pequena pilha de fios no chão e quase nada a cobrir o seu joelho. Eu pego num dos fios e torço-o entre os dedos.

— Costumávamos jogar um jogo de palavras nos nossos portáteis à noite — diz ele. — Eu era mesmo bom. Fui eu quem ensinou o jogo à Sasha, mas ela vencia-me sempre. Todas as noites. — Estende as pernas. São muito mais compridas do que as minhas. — Senti-me impressionado até ver um movimento de 800 dólares em jogo no seu extrato bancário. Ela comprava letras suplementares, a cinco dólares cada, só para me poder ganhar.

Tento imaginá-lo a jogar jogos no seu portátil à noite, mas é difícil. Ele parece ser o tipo de pessoa que lê romances e limpa a casa duas vezes por dia e dobra as peúgas, e depois complementa toda aquela perfeição com uma corrida matinal.

— O Ethan não sabe mudar um pneu sequer. Já tivemos dois furos desde que estamos juntos, e ele teve de chamar o reboque das duas vezes.

O Graham abana ligeiramente a cabeça e diz:

— Não estou à procura de razões para desculpar esse estu-
por, mas isso não é assim tão mau. Muitos homens não sabem mudar um pneu.

— Eu sei. Essa não é a parte má. A parte má é que *eu* sei mudar um pneu. Só que ele recusa-se a deixar-me fazê-lo, porque ficaria envergonhado se tivesse de permanecer ao lado de uma rapariga enquanto ela mudava o pneu.

Há mais qualquer coisa na expressão do Graham. Algo em que eu ainda não tinha reparado. Preocupação, talvez? Olha para mim de modo muito sério.

— Não o perdoe por isto, Quinn.

As palavras dele fazem o meu peito contrair-se.

— Não o farei — afirmo, cheia de confiança. — Não o quero de volta depois disto. Continuo a perguntar-me porque não estou a chorar. Talvez seja um sinal.

O Graham tem uma expressão compreensiva, mas depois os traços em torno dos seus olhos esbatem-se um pouco.

— Irá chorar esta noite. Na cama. É quando se sente mais a dor. Quando estamos sozinhos.

De repente, o ar fica mais pesado com este comentário. Não quero chorar, mas sei que tudo isto me irá atingir a qualquer momento. Conheci o Ethan logo depois de entrar para a faculdade e estamos juntos há quatro anos. É muito para se perder num único momento. E, apesar de saber que terminou, não o quero confrontar. Quero apenas afastar-me e ver-me livre dele. Não quero ter necessidade de uma conclusão nem sequer de uma explicação, mas tenho medo de vir a necessitar dessas duas coisas quando estiver sozinha esta noite.

— Se calhar, devíamos fazer análises.

As palavras do Graham e o medo que me consome depois de ele as proferir são interrompidas pelo som da voz abafada do Ethan.

Está a aproximar-se da porta. Viro-me para olhar para a porta do apartamento, mas o Graham toca-me no rosto e faz com que me foque nele.

— O pior que podemos fazer neste preciso momento é mostrar emoção, Quinn. Não se zangue. Não chore.

Mordo o lábio e aceno com a cabeça, tentando reprimir todas as coisas que sei que estou prestes a ter de gritar.

— Está bem — sussurro, no instante em que a porta do apartamento do Ethan começa a abrir-se.

Tento manter a minha firmeza como o Graham está a fazer, mas a iminente presença do Ethan dá-me náuseas. Nenhum dos

dois olha para a porta. O olhar do Graham é severo e ele respira de modo consistente, enquanto mantém o olhar fixo no meu. Nem sequer consigo imaginar o que o Ethan irá pensar dentro de dois segundos, quando abrir a porta. Não me reconhecerá logo. Irá pensar que somos duas pessoas quaisquer sentadas no chão do patamar do seu prédio.

— Quinn?

Fecho os olhos quando ouço o Ethan dizer o meu nome. Não me volto na direção da sua voz. Ouço-o dar um passo para fora de casa. Consigo sentir o meu coração a bater em tantos pontos neste preciso momento, mas sinto-o principalmente nas mãos do Graham na minha face. O Ethan repete o meu nome, mas fá-lo como se me exigisse que olhasse para ele. Abro os olhos, mas mantenho-os focados no Graham.

A porta do Ethan abre-se ainda mais e uma rapariga arqueja com o choque. A *Sasha*. O Graham pestaneja, mantendo os seus olhos fechados durante mais um segundo enquanto inspira para se acalmar. Quando os abre, a *Sasha* fala.

— Graham?

— Merda — resmungo o Ethan.

O Graham não olha para eles. Continua a fitar-me. Como se as nossas vidas não estivessem a desmoronar-se à nossa volta, diz-me calmamente:

— Gostarias que te acompanhasse até lá abaixo?

Aceno com a cabeça.

— Graham! — A *Sasha* profere o seu nome como se tivesse o direito a estar zangada por ele se encontrar ali.

Eu e o Graham levantamo-nos. Nenhum de nós olha na direção do apartamento do Ethan. O Graham aperta a minha mão com força, enquanto me encaminha para o elevador.

A *Sasha* está mesmo atrás de nós, depois ao nosso lado, enquanto aguardamos pelo elevador. Está do outro lado do Graham, a puxar a manga da camisa dele. Ele aperta a minha mão com um

pouco mais de força, portanto também aperto a dele, dando-lhe a saber que podemos fazer isto sem causar uma cena. Limitamo-nos a entrar no elevador e ir embora.

Quando as portas se abrem, o Graham indica-me que entre à sua frente. Não deixa espaço para a Sasha entrar connosco. Bloqueia a passagem e somos obrigados a virar-nos para as portas. Na direcção da Sasha. Ele pressiona o botão para o átrio e, quando as portas começam a fechar-se, olho, finalmente, para cima. Reparo em duas coisas.

- 1) O Ethan já não se encontra no patamar e a porta do seu apartamento está fechada.
- 2) A Sasha é muito mais bonita do que eu. Mesmo quando está a chorar.

As portas fecham-se e a descida revela-se muito longa e silenciosa até chegarmos ao destino. O Graham não liberta a minha mão e nós não falamos, mas também não choramos. Saímos calmamente do elevador e atravessamos o átrio. Quando chegamos à porta, o Vincent segura-a e olha para nós os dois com um pedido de desculpa no olhar. O Graham puxa da sua carteira e entrega ao Vincent um punhado de notas.

— Obrigado pelo número do apartamento — agradece-lhe o Graham.

O Vincent acena com a cabeça e aceita o dinheiro. Quando o seu olhar encontra o meu, está inundado de pedidos de desculpa. Abraço o Vincent, pois, provavelmente, nunca mais o irei ver.

Uma vez no exterior, eu e o Graham deixamo-nos ficar no passeio, perplexos. Pergunto-me se o mundo lhe parecerá diferente agora, porque a mim parece, sem dúvida. O céu, as árvores, as pessoas que passam por nós. Tudo parece ligeiramente mais frustrante do que antes de eu entrar no prédio do Ethan.

— Queres que chame um táxi? — pergunta, por fim.

— Eu vim de carro. É aquele ali — indico, apontando para o outro lado da rua.

Ele volta a olhar de relance para o edifício.

— Quero sair daqui antes que ela chegue cá abaixo. — Ele parece estar genuinamente preocupado, como se não a conseguisse encarar de todo naquele momento.

Pelo menos a Sasha está a tentar. Ela seguiu o Graham até ao elevador, enquanto o Ethan se limitou a regressar a casa e fechar a porta.

O Graham volta a olhar para mim com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Enrolo-me no meu casaco. Não há muito mais a dizer além de adeus.

— Adeus, Graham.

O seu olhar é pálido, como se não estivesse presente neste momento. Recua um passo. Dois passos. Depois dá meia-volta e começa a caminhar na direção oposta.

Torno a olhar para o edifício no exato momento em que a Sasha irrompe pelas portas. O Vincent encontra-se atrás dela a olhar fixamente para mim. Acena-me, por isso ergo a mão e aceno-lhe de volta. Ambos sabemos que se trata de um aceno de despedida, porque nunca mais irei pôr um pé no prédio onde o Ethan mora. Nem sequer para ir buscar as minhas coisas que possam estar a encher-lhe a casa. Antes ele deitar tudo fora do que eu ter de voltar a olhar para ele.

A Sasha olha para a esquerda e para a direita, na esperança de encontrar o Graham. Não o encontra. Apenas me vê a mim, e isso faz-me pensar se ela saberá quem eu sou. Será que o Ethan lhe disse que se ia casar no próximo mês? Será que lhe contou que acabámos de falar ao telefone esta manhã e que ele me disse que está a contar os segundos até me poder chamar sua esposa? Será que ela sabe que, quando durmo em casa do Ethan, ele se recusa a tomar um duche sem mim? Será que ele lhe disse que os lençóis onde acabou de a comer foram um presente de noivado da minha irmã?

Será que ela sabe que, quando o Ethan se declarou e pediu a minha mão, chorou quando eu disse que sim?

Ela não deve ter consciência disto, senão teria deitado a perder a sua relação com um homem que me impressionou mais numa hora do que o Ethan em quatro anos.

Capítulo Dois

Agora

O nosso casamento não caiu por terra. Não ruiu repentinamente.

Tem sido um processo muito mais lento.

Tem andado em *declínio*, por assim dizer.

Nem sequer tenho a certeza de quem tem a maior parte da culpa. Começámos bem. Melhor do que a maioria, estou convencida disso. Mas, ao longo dos últimos anos, temos andado menos bem. O mais inquietante em relação a isso é a nossa capacidade de fingir que nada mudou. Não falamos sobre o assunto. Somos iguais em muitos aspetos, um deles é o sermos capazes de evitar as coisas que necessitam mais da nossa atenção.

Em nossa defesa, é difícil admitir que um casamento pode acabar quando ainda existe amor. As pessoas são levadas a acreditar que um casamento termina apenas quando se perdeu o amor. Quando a raiva substitui a felicidade. Quando o desprezo substitui a alegria. Porém, eu e o Graham não estamos zangados um com o outro. Simplesmente já não somos as pessoas que éramos.

Por vezes, quando as pessoas mudam, isso nem sempre é óbvio num casamento, porque o casal muda em conjunto, na mesma direção. No entanto, outras vezes, as pessoas mudam em direções opostas.

Eu ando a avançar na direção oposta do Graham há tanto tempo que nem me consigo lembrar de como são os seus olhos quando ele está dentro de mim. Mas tenho a certeza de que ele memorizou cada fio de cabelo na minha nuca de todas as vezes que me viro e me afasto dele à noite.

As pessoas nem sempre controlam em quem as circunstâncias as transformam.

Baixo o olhar para a minha aliança e rodo-a com o polegar, fazendo-a girar num círculo ininterrupto no dedo. Quando o Graham a comprou, o joalheiro disse-lhe que a aliança é um símbolo de amor eterno. Um círculo interminável. O início transforma-se no meio e não se espera que haja um fim.

No entanto, em lado nenhum na explicação do joalheiro é dito que a aliança simboliza a *felicidade* eterna. Apenas amor eterno. O problema é que o amor e a felicidade não são concordantes. Um pode existir sem o outro.

Olho fixamente para a minha aliança, para a minha mão, para a caixa em madeira que seguro quando, do nada, o Graham diz:

— O que estás a fazer?

Levanto a cabeça devagar — no meu íntimo, a surpresa que sinto com o seu aparecimento é, no entanto, abrupta. Já retirou a gravata e desabotoou os três botões de cima da camisa. Inclina-se contra a aduela da porta, com a sua curiosidade a unir as sobrançelas enquanto olha fixamente para mim. A sua presença enche o quarto.

Eu apenas o preencho com a minha ausência.

Depois de o conhecer há tanto tempo, ainda existe algo de misterioso que o envolve. Espreita pelos seus olhos escuros e pesa sobre todos os pensamentos que nunca profere. A quietude foi o que me atraiu nele no dia em que o conheci. Fez-me sentir em paz.

É engraçado como essa mesma quietude agora me faz sentir desconfortável.

Nem sequer tento esconder a caixa de madeira. É demasiado tarde; ele olha diretamente para ela. Desvio o olhar do dele, para a caixa que tenho nas mãos. Tem estado no sótão, intocada e raramente recordada. Encontrei-a hoje quando estava à procura do meu vestido de noiva. Só queria ver se ainda me servia. Servia, mas eu já não parecia a noiva de há sete anos.

Parecia mais solitária.

O Graham avançou dois passos para o interior do quarto. Consigo ver o medo abafado na sua expressão enquanto desvia o olhar da caixa de madeira para mim, enquanto espera que eu lhe responda relativamente ao motivo que me leva a tê-la nas mãos. A razão pela qual se encontra no quarto. Porque é que a trouxe do sótão.

Não sei porquê. Mas segurar nesta caixa é certamente uma decisão consciente, por isso não posso responder algo inocente como «não sei».

Ele aproxima-se, emanando um odor nítido a cerveja. Ele nunca foi de beber muito, a menos que seja quinta-feira, que é o dia em que vai jantar com os colegas de trabalho. Eu até gosto do cheiro dele às quintas-feiras. Tenho a certeza de que, se ele bebesse todos os dias, eu começaria a desprezar o cheiro, sobretudo se ele não conseguisse controlar a quantidade de bebida. Isso passaria a ser um pomo de discórdia entre nós. Mas o Graham controla-se sempre. Tem uma rotina e não a quebra. Acho este aspeto da sua personalidade um dos seus traços mais atraentes. Dantes, eu aguardava ansiosamente pelo seu regresso nas noites de quinta-feira. Por vezes, aperaltava-me e esperava por ele na cama, antecipando o sabor doce da sua boca.

O facto de me ter esquecido de aguardar ansiosamente por ele esta noite significa qualquer coisa.

— Quinn?

Consigo ouvir todos os seus medos, esmagados silenciosamente entre cada letra do meu nome. Ele avança na minha direção

e eu concentro-me nos seus olhos durante todo o trajeto. Estão inseguros e inquietos, e pergunto-me quando começou ele a olhar para mim assim. Ele costumava olhar para mim de modo divertido e com reverência. Agora, os seus olhos apenas me inundam de pena.

Estou cansada de ser olhada desta maneira, de não saber como responder às suas perguntas. Já não estou na mesma frequência que o meu marido. Já não sei como comunicar com ele. Por vezes, quando abro a boca, tenho a sensação de que o vento empurra todas as minhas palavras novamente para dentro.

Tenho saudades dos tempos em que tinha necessidade de lhe dizer tudo, senão rebentava. E sinto falta dos dias em que ele sentia que o tempo nos enganava durante as horas que tínhamos de dormir. Em algumas manhãs, eu acordava e dava com ele a olhar para mim. Ele sorria e sussurrava: «O que é que perdi enquanto estavas a dormir?» Eu virava-me de lado e contava-lhe os meus sonhos e, por vezes, ele ria-se tanto que chegava a ficar com lágrimas nos olhos. Analisava os bons e desvalorizava os maus. Arranjava sempre maneira de me fazer sentir como se os meus sonhos fossem melhores do que os das outras pessoas.

Ele já não pergunta o que perdeu enquanto eu estava a dormir. Não sei se é porque já não pensa nisso ou se se deverá ao facto de eu já não sonhar com nada digno de ser partilhado.

Só me apercebo de que ainda estou a rodar a aliança quando o Graham estende a mão e me impede de continuar a fazê-lo. Ele entrelaça suavemente os nossos dedos e afasta a minha mão com cuidado da caixa de madeira. Pergunto-me se a sua intenção é reagir como se eu estivesse a segurar um explosivo ou se é mesmo assim que ele se sente naquele momento.

Ele inclina o meu rosto para cima e dobra-se para a frente, depositando um beijo na minha testa.

Fecho os olhos e afasto-me subtilmente, como se ele me tivesse apanhado a meio do movimento. Os seus lábios roçam pela minha

testa enquanto empurro a cama, obrigando-o a libertar-me, vendo-o dar um passo atrás, entristecido.

Eu chamo-lhe a dança do divórcio. O primeiro parceiro avança para o beijo, o segundo parceiro não está recetivo, o primeiro finge que não repara. Já há uns tempos que fazemos esta dança.

Enquanto aclaro a garganta, as minhas mãos agarram a caixa para a levar até à estante.

— Encontrei-a no sótão — afirmo. Debruço-me e coloco a caixa entre dois livros na prateleira de baixo.

O Graham construiu-me esta estante como presente quando fizemos um ano de casados. Eu fiquei tão impressionada por ele a ter construído de raiz com as próprias mãos. Lembro-me de ele ter espetado uma farpa de madeira na palma da mão quando a levou para o quarto. Retirei-lha da pele como forma de agradecimento. Depois, empurrei-o contra a estante, ajoelhei-me à sua frente e agradei-lhe mais um pouco.

Isso aconteceu quando tocarmos um no outro ainda encerrava alguma esperança. Agora o seu toque é apenas mais uma recordação de todas as coisas que nunca serei para ele. Ouço-o avançar pelo quarto na minha direção, por isso levanto-me e agarro-me à estante.

— Porque é que trouxeste isso do sótão? — pergunta.

Não me viro para ele, porque não sei como lhe responder.

Ele está tão próximo de mim agora, a sua respiração desliza-me pelo cabelo e roça-me a parte de trás do pescoço quando ele suspira. A sua mão encontra-se sobre a minha e ele agarra-se à estante comigo, apertando. Leva os seus lábios ao meu ombro num beijo silencioso.

Fico incomodada com a intensidade do meu desejo por ele. Quero virar-me e encher a boca dele com a minha língua. Sinto falta do sabor dele, do seu cheiro, do seu som. Sinto falta de quando ele ficava sobre mim, tão obcecado por mim que parecia capaz de me rasgar peito para poder ficar frente a frente com o meu

coração enquanto fazíamos amor. Agora é estranho que possa sentir a falta de uma pessoa que ainda se encontra presente. É estranho que possa sentir falta de fazer amor com uma pessoa com quem ainda faço sexo.

Independentemente de quanto eu chore pelo casamento que tínhamos, sou parcialmente — se não totalmente — responsável por aquilo em que se transformou. Fecho os olhos, desiludida comigo mesma. Aperfeiçoei a arte da evasão. Sou tão graciosa a fugir dele. Por vezes, não tenho a certeza se ele repara. Finjo adormecer antes de ele chegar sequer à cama, à noite. Finjo não o ouvir quando o meu nome pinga dos seus lábios na escuridão. Finjo estar ocupada quando ele avança na minha direção, finjo estar indisposta quando me sinto lindamente, finjo trancar a porta por acidente quando estou no duche.

Finjo estar feliz quando respiro.

Está a tornar-se mais difícil fingir que me agrada o seu toque. Não me agrada — apenas *necessito* dele. Existe uma diferença. Faz-me perguntar a mim mesma se ele apenas finge tanto quanto eu. Será que me deseja tanto quanto professa? Será que deseja que eu não me afaste? Será que agradece que eu o faça?

Ele enrola um braço em torno de mim e desliza os dedos pelo meu ventre. Um ventre que ainda encaixa facilmente no meu vestido de noiva. Uma barriga intocada pela gravidez.

Tenho isso a meu favor, pelo menos. Um ventre que a maioria das mães invejaria.

— Alguma vez... — A sua voz é baixa e doce e completamente aterrorizada pela perspectiva de me perguntar o que quer que seja que está prestes a perguntar-me. — Alguma vez pensas em abri-la?

O Graham nunca faz perguntas para as quais não necessite de resposta. Sempre gostei disso nele. Não preenche vazios com conversas desnecessárias. Se não tem nada para dizer, não fala. Ou quer ouvir uma resposta ou não quer. Ele nunca me perguntaria se

alguma vez pensei em abrir a caixa se não tivesse necessidade de saber a resposta.

Neste preciso momento, esta é a característica que menos aprecio nele. Não quero ouvir esta pergunta porque não sei como responder.

Em vez de correr o risco de o vento me empurrar as palavras para dentro, limito-me a encolher os ombros. Após anos a sermos especialistas da evasão, ele para, finalmente, com a dança do divórcio durante tempo suficiente para fazer uma pergunta séria. A única pergunta que eu esperava que ele me fizesse há já algum tempo. E o que faço eu?

Encolho os ombros.

Os instantes que se seguem ao meu encolher de ombros são, provavelmente, a razão pela qual ele demorou tanto tempo a fazer a pergunta. Trata-se do momento em que sinto o seu coração a parar, o momento em que ele pressiona os lábios no meu cabelo e arqueja um sopro que nunca recuperará, o momento em que se apercebe de que tem os dois braços à minha volta sem estar a abraçar-me. Já há algum tempo que é incapaz de me abraçar. É difícil segurar alguém que há muito se escapou.

Não retribuo. Ele liberta-me. Eu expiro. Ele sai do quarto.

Retomamos a dança.



PODERÁ UMA HISTÓRIA DE AMOR PERFEITA SOBREVIVER A TUDO?

Quinn e Graham conheceram-se numa situação em que nenhum dos dois se queria encontrar. Não foi um início digno de conto de fadas, mas o sentimento que os uniu foi mais forte do que o sofrimento e o desgosto que haviam partilhado.

Anos mais tarde, o amor perfeito que sentem um pelo outro é ameaçado pelas imperfeições da vida a dois. As recordações, os erros e os segredos que durante muito tempo foram acumulando estão agora a afastá-los cada vez mais.

E a única coisa capaz de salvar o seu casamento poderá transformar-se num inevitável ponto de rutura.

«Íntimo e cru.»

USA TODAY

Leia os outros romances imperdíveis de Colleen Hoover:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

penguinlivros.pt

[penguinlivros](#)

ISBN 9789895649730



9 789895 649730 >